# *A CAUSA*

*2ª Edição*

A.J.Pissuto

*A.J.Pissuto*

***Copyright ©2009 by A.J.Pissuto***
***Copyright ©2011 by A.J.Pissuto***
*All Rights Reserved.*

O texto contido neste documento é uma propriedade intelectual de seu autor e nenhuma parte do mesmo poderá ser modificada ou copiada, por qualquer meio gráfico ou eletrônico, sem a prévia autorização por escrito de seu autor. As ideais aqui colocadas não fazem referência a pessoas, nomes, alcunhas ou idéias proprietárias. Desta forma, qualquer semelhança com fatos ou pessoas tratar-se-á de mera coincidência.

**Pissuto, A.J.**

**A Causa / A.J.Pissuto**

**Brasil - Santa Catarina : Florianópolis, 2009**

**Romance – Ficção**

## Resumo

A descoberta de um efeito pode render a Lucas uma verdadeira fortuna. E ele procura explorar comercialmente aquele efeito, mas isto também lhe rende alguns inimigos poderosos. Afinal, ele está interferindo com um mercado muito lucrativo, está mexendo com uma gente que não é afetada por moral, ética ou mesmo por leis, quaisquer que sejam essas leis. E ninguém quer saber que efeito é este, querem mesmo é a causa deste efeito.

Mas qual seria esta causa? Como ele pode explicar uma causa que não é conhecida por ninguém, nem por ele mesmo. Aquilo acontece por que acontece, sem nenhuma uma causa definida. Mas alguém deve saber o que causa aquilo.

A.J.Pissuto

A.J.Pissuto

## Capítulo I – A menina apaixonada

-Eu já te falei que não é nada disto. Puxa! Não é tão difícil assim, ou é? Mas será que você não consegue me entender?

Natalia estava chorando e tentava contra argumentar.

-Você me acha feia, é isto?

-Mas que droga! Não, você não é feia, você é muito bonita, você é linda. Não tem nada a ver. Eu não gosto de você, será que você não pode entender isto?

Lucas estava bastante aborrecido com aquela conversa toda e já se mostrava nervoso. Falava alto, quase gritava. Natália parecia não ouvir nada do que ele falava e continuava com seu questionário de motivos. Lucas pediu que ela ficasse quieta:

-Ei! Fica quieta; está vindo gente aí.

Ele colocou um dedo sobre a boca e olhou sério para Natália. Pela rua vinha um homem velho de barba grande e branca. Passou por eles e deu um sorriso; esticou sua mão e pediu uma esmola, algum trocado. Lucas se limitou a balançar a cabeça em negativa. Natália mexeu em sua bolsa e deu algumas moedas para o velho. Este agradeceu com uma reverência e continuou seu caminho, ainda sorrindo. Quando já tinha se afastado o suficiente, Natália continuou seu interrogatório:

-Então você me acha uma burra, é isto?

Lucas voltou-se para ela ainda contrafeito:

-Não, não e não. Você é linda, você é inteligente, você é tudo isto. Tem muita gente que gosta de você, você é adorada por toda essa gente. E daí? Pare de colocar defeitos em você mesma, você não tem nenhum defeito, você é perfeita. Mas é que eu não gosto de você, está me entendendo? Eu não gosto de você. É só isto.

-Não tenho nada que lhe atrai?

-Tem! Tem esta pinta na sua orelha, tá bom assim? Isto é a única coisa que me atrai em você. Tá bom assim?

-Mas que pinta? Eu não tenho nenhuma pinta na orelha.

-Tem essa marca minúscula. Vai ver que é uma sujeira de mosca. Agora, se você não tem nem uma pinta, então você não tem nada,

absolutamente nada que me atraia. Está me entendendo? Eu não gosto de você.

-Mas por que você não gosta de mim, qual é o motivo?

-Mas que inferno! E por que eu deveria gostar de você? Qual o motivo? Eu não estou nem ai se você é bonita, se você é inteligente, se você é adorada, se você é tudo isto. Eu não gosto de você. Vê se coloca isto na sua cabeça: eu, Lucas, não gosto de você, Natália. Eu não tenho motivos para gostar e nem para desgostar de você, eu não preciso de nenhum motivo para isto. E vê se pára de me perturbar com essa sua conversa idiota. Agora me dá licença que tenho mais o que fazer.

Natália ficou com cara de boba ao ver Lucas se afastar. Ainda conseguiu dizer uma frase com a sua raiva, com a sua tristeza:

-Você me paga! Você vai ver?

Mas Lucas fez de conta que não ouviu e continuou a sua caminhada; estava apressado para se livrar daquela situação. Natália continuou chorando enquanto Lucas se afastava; ela estava no portão da sua casa e, assim que ele virou a esquina, ela se recolheu. Foi para seu quarto e continuou chorando. Ela era uma garota muito bonita e quase todos os rapazes do bairro queriam namorá-la, viviam lhe fazendo galanteios. Mas ela queria Lucas, era uma idéia fixa, uma paixão. E ele dizia que não queria nada com ela, que não gostava dela. Mas por que ele não queira namorá-la? Aquilo tudo era incompreensível para Natália, ela não conseguia aceitar aquilo.

Lucas era seu vizinho de bairro, ele morava duas quadras longe de sua casa. Era um rapaz bonito e estudioso, mas não se dava muito bem com os demais garotos e garotas do pedaço. Ele era calmo, quieto e sempre compenetrado. Ele ia da faculdade para casa e da casa para a faculdade, dificilmente se apresentava nas festinhas ou nos encontros de fins-de-semana. Isto não queria dizer que Lucas era algum tipo de eremita solipsista ou coisa parecida. Ele conversava com todos seus colegas de escola e mesmo da vizinhança, mas nunca se envolvia nas brincadeiras dos mesmos. Ele também não se mostrava prepotente; só era quieto.

Numa dessas conversas eventuais, Natália tinha dado a entender que gostava dele. Ele, a princípio, ficou embaraçado e se fez de desen-

tendido; não deu muita atenção a ela. Mas a coisa começou a ficar constante e Lucas, sempre muito educadamente, se mostrava desinteressado. Foi quando Natália o cercou no portão de sua casa e lhe pediu uma definição. Ai ele foi obrigado a dizer o que disse, ou seja: que não gostava dela. Simples e fácil.

Depois do encontro com Natália, Lucas foi para sua casa; entrou e se encontrou com sua mãe na cozinha; deu-lhe um beijo e sentou-se à mesa para almoçar. Enquanto isto, ele conversou calmamente sobre o que tinha feito na escola e sobre a conversa com seus professores e colega; mas nada falou sobre seu encontro com Natália. Depois, recolheu-se ao seu quarto onde ficou deitado, lendo um livro e escutando música clássica em baixo volume. Quase uma hora depois ele largou o livro ao seu lado, pôs as mãos sobre a cabeça e ficou olhando para o teto. Ele pensava em Natália.

-A Natália é a menina mais linda que já conheci. Eu amo essa menina, mas ela não pode saber disto. Eu acho que ela vai me odiar, e eu tenho que dar um jeito para ela me esquecer de vez. Se ela continuar com isto, vou ter que ser mal educado com ela. Bem! Eu acho que já fui mal educado o suficiente, mas ela ainda não percebeu. Acho que tenho que ser mais explícito, mas não quero magoá-la. Só quero que ela me odeie por mim mesmo e não que fique machucada com ela. Assim ela não vai mais se interessar por mim. Aí eu me livro dela de uma vez por todas.

Eram pensamentos esquisitos, pois, se Lucas amava Natália, por que ele queria que ela o odiasse? Mas Natália não o odiava, ela gostava dele, ela estava interessada nele. Era tudo muito complicado. Lucas ficou algum tempo imaginando uma estratégia para atingir seu objetivo. Depois, retornou à leitura de seu livro. Ele estudava com afinco, pois deveria prestar exame para sua graduação. Ele estava terminando a faculdade, estava no último período e deveria se formar engenheiro eletrônico.

Era noite e Lucas tinha terminado seu jantar. Seu pai e sua mãe assistiam à televisão. Ele se despediu dos mesmos e disse que pretendia se recolher, pois teria aula no dia seguinte logo cedo. Disse que queria estar bem descansado para enfrentar este seu último período de

escola. Lucas já tinha colocado seu pijama quando sua mãe bateu na porta e disse que tinha alguém querendo lhe falar. Voltou a recolocar as roupas com irritação e foi para o andar de baixa ver do que se tratava. Qual não foi sua surpresa ao ver Natália lhe esperando e naquele horário. Aproximou-se e cumprimentou-a:

-Boa noite! Como vai você? Você queria falar comigo?

-Sim, se for possível. Podemos ficar um pouco a sós.

Natália parecia nervosa; olhava de lado para os pais de Lucas que assistiam à televisão.

-Podemos conversar na cozinha. Está bom para você?

Após a concordância de Natália, Lucas informou aos pais que iria para a cozinha para um papo em particular e que isto seria rápido. Colocou a sua mão sobre o ombro de Natália e foi conduzindo-a para a cozinha. Lá ele lhe ofereceu uma cadeira e, também, um copo de suco de frutas que apanhou na geladeira. Sentou-se em outra cadeira na frente de Natália e ficou ali olhando nos seus olhos. Nada falou, só esperava que ela começasse. Natália estava catatônica, olhando também para Lucas, encarando-o sem pronunciar qualquer palavra. Ficaram assim por quase um minuto, até que Lucas perdeu a paciência e falou meio brusco:

-E dai?

Natália parecia não ter ouvido e continuava olhando para Lucas, direito dentro de seus olhos. Ela parecia mesma catatônica. Lucas voltou a questioná-la:

-E então? Você não queria me falar alguma coisa?

Natália pareceu acordar de um sonho e chegou até a balançar a cabeça como se estivesse afastando algum pensamento. Ela deu um sorriso sem graça e respondeu:

-É! Eu precisava falar com você. Quero me desculpar pelo horário, mas é que eu pensava que você dormia mais tarde. Sua mãe me falou que você tinha acabado de se deitar, mas eu insisti e ela acabou indo lhe chamar. Eu não quero lhe perturbar, mas é que eu...

Lucas a interrompeu com um gesto e apressou o término daquela explicação:

-Está bem! Não precisa explicar nada disto. Eu só quero que você vá logo ao assunto que lhe trouxe aqui. Pode ser ou está difícil?

Natália ficou mais apreensiva do que já estava; e começou a balbuciar alguma coisa:

-É sobre nós, sabe? Eu queria terminar aquela nossa conversa de hoje à tarde. Eu achei que você tinha ficado bravo comigo e não quero que isto nos atrapalhe. Eu queria conversar sobre isto e...

De novo, Lucas a interrompeu com um gesto. Depois ele falou meio ríspido:

-Natália! Vamos ver se você me entende de uma vez por todas. Eu ainda não sei por que você cismou comigo, e também não quero saber. Eu não gosto de você, está me entendendo. Você não tem nada de errado, mas eu não gosto de você. Eu não sinto nada por você. Eu não sinto atração, não sinto amor, nada mesmo. Você está me entendendo, nada de nada? Desculpe-me, mas você, para mim, é como uma caixa de sapato. E eu não sinto nada por uma caixa de sapato, seja ela bonita ou não, seja ela inteligente ou não. Caramba! Eu ainda não entendi essa sua fixação em mim. Isto está parecendo paranóia, está parecendo esquizofrenia. Eu não gosto de você, está bem? Nós não temos que terminar conversa alguma. Aquela conversa já terminou e só você que ainda não percebeu.

Natália continuou olhando para Lucas por algum tempo; tinha lágrimas escorrendo pela sua face, mas não fungava ou dava qualquer impressão de estar chorando. Depois falou de forma pausada:

-Lucas. Eu não sei como lhe dizer isto e, desta forma, peço que me desculpe a insistência. Eu amo você, está me entendendo? Eu amo você por algum motivo que não sei explicar e, como qualquer um poderá notar, não é pela sua educação. Eu sinto a sua falta e isto pode ser de fato alguma doença. O que eu queria dizer é que, de alguma forma, eu sinto que você também me ama, mas ainda não percebeu. Você pode rir se quiser, mas eu sinto isto dentro de mim. Talvez eu seja mesma doente. Eu só vim até aqui para lhe explicar uma coisa, algo que eu acho não ficou muito claro. Só quero que me ouça e depois vou embora, está bem?

Lucas confirmou com um gesto da cabeça e um repuxar com a boca, algo como querendo dizer: continue.

-Lucas, eu não sei como lhe explicar por que amo você. Eu sou uma pessoa normal como todo mundo, mas perto de você eu sou diferente, eu me sinto diferente. Eu não consigo explicar essa minha certeza no seu sentimento, mas é isso que eu percebo consciente e inconscientemente. Eu preciso de você ao meu lado. Pronto!

Lucas olhava para o lado, como se não quisesse ouvir o que ela estava falando. Natália empertigou-se um pouco, e deu uma fungada profunda. Tentou limpar as lágrimas com o dorso da mão e continuou:

-Mas não é nada disto que vim lhe falar. Hoje fiquei sabendo que o estágio que estava pretendendo foi aprovado. Desta forma, dentro de uma semana eu devo começar o mesmo. Meu pai tentou evitar, mas amanhã mesmo vou mudar para a casa da minha avó lá em São Paulo e de lá devo viajar para Londres no sábado. Eu vou ficar fora por cerca de dois anos. Mas eu queria me despedir de você antes disto. Se um dia você também perceber que gosta de mim, um pouquinho que seja, espero que me ligue. Isto me faria muito feliz. Eu vou ficar esperando por você o tempo que for necessário. Eu nunca vou me esquecer de você. Agora, vou-me embora. Por favor, desculpe se a minha presença o incomoda. Até qualquer dia.

Natália saiu apressada da cozinha e se dirigiu à sala. Despediu-se dos pais de Lucas e abrindo a porta se retirou daquela casa. Lucas, ainda surpreso tentou alcançá-la; foi para a porta, abriu a mesma e a chamou pelo seu nome:

-Natália, espere um pouco. Natália...

Mas ela se distanciou e começou a correr em direção à sua casa. Ele ficou ali olhando por algum tempo sem saber o que fazer. Depois entrou e fechou a porta; encontrou sua mãe ao seu lado e ela lhe perguntou:

-Quem era essa menina. Ela é a sua namorada?

-Não mãe, não é nada disto. Ela é a Natália, a filha do doutor João, aquele médico neurologista que mora lá na esquina da avenida.

-Doutor João? Doutor João? Ah! Lembrei. Mas eu não sabia que você conhecia a filha dele. Vocês estudam juntos?

-Claro que não. Ela está fazendo medicina, como o pai. Eu a conheci há uns seis meses numa dessas festinhas chatas que o Jaime insistiu que eu comparecesse. Ela veio se despedir, ela está indo para Londres fazer um estágio ou qualquer coisa assim. Sei lá! Ela vai ficar fora por uns dois anos ou mais. Foi só isto?

-Só isto? Não sei por que, mas me pareceu que ela estava chorando. Vocês brigaram? Vocês estavam namorando?

-Não mãe! Não é nada disto. Ela está se despedindo dos colegas e acabou chorando. Não sei! Esse pessoal aí é muito emotivo e chora à toa. Foi só isto.

-Só isto? Bom, se é o que você está dizendo, eu não tenho por que não acreditar. Mas que isto é estranho, isto é. Eu sou a sua mãe, se precisar pode confiar em mim.

-Claro que eu posso confiar, eu sempre confiei. Mas não é nada disto que a senhora está pensando. Eu já lhe disse: ela é emotiva, ela chora à toa. Ela é muito mimada, e eu não quero nada com ela. E foi ela quem cismou com isto de que gosta de mim, ou acha que gosta. Sei lá! Ela tem um monte de pretendentes, mas cismou que quer mais um. É só uma menina muito mimada que, por ser muito bonita, quer que todos a idolatrem, inclusive eu mesmo. E veio aqui me falar que vai ficar esperando eu me declara a ela. Ela é meio maluca, além de muito arrogante. É só isto. Agora, me dá licença que vou dormir. Amanhã tenho uma prova na primeira aula e quero estar descansado. Até amanhã.

Lucas deu um beijo em sua mãe, acenou para seu pai que estava na sala e foi para o andar de cima, para o seu quarto; deitou-se, mas não conseguiu relaxar. Ficou acordado até tarde imaginando mil coisas com respeito à Natália. Depois acabou dormindo de cansaço e quase perdeu a hora no dia seguinte.

E assim continuou sua vidinha de todos os dias e sete anos se passaram...

## Capítulo II – O general

Lucas estava em seu escritório. Digitava alguma coisa no seu computador pessoal quando foi interrompido pela secretária; uma garota loira e muito bonita. Ela entrou toda formosa e falou com aquela voz macia:

-Doutor Lucas! Tem uma pessoa ai querendo falar com o senhor. Ele me pareceu meio nervoso.

-Uma pessoa? Mas eu não marquei nada com nenhum cliente. Veja o que ele quer e marque para outra hora. Agora estou ocupado em alguns cálculos e não quero ser interrompido. Esse pessoal não sabe usar o telefone, não sabe marcar compromissos?

-Desculpe, mas eu já fiz tudo isto. Ele não me informou nada. Ele insiste em falar com o senhor, ele diz que é assunto particular.

-Bom! Diga a ele que agora eu não posso. Diga que estou ocupado prá qualquer assunto, especialmente os particulares. Mas qual é o seu problema? Você já fez isto tantas vezes. Dá uma dispensada no sujeito e pronto.

-Mas é um militar. Acho que é um general ou coisa assim. Está todo cheio de medalhas e é meio esquisito.

-Um militar? Mas como assim? O que um militar iria quer comigo? Vê se descobre o que ele quer e depois o dispense. Estou ocupado.

-Mas doutor Lucas! Eu já fiz tudo isto. Ele fica ali de pé e continua dizendo que precisa falar com o senhor agora, diz que não pode adiar a tal da conversa. Ele me deixou com medo. Eu não sei mais o que fazer para dispensá-lo. Ele insiste nisto.

Luca parou o que estava fazendo no computador e se voltou para a secretária. Ele estava aparentemente aborrecido com aquela interrupção; ele bufava de impaciência. Passou a mão pelos cabelos algumas vezes e olhou com raiva para sua funcionária. Falou com aspereza:

-Olha aqui Janete! Você tem que aprender a tratar com esse pessoal, sejam insistentes ou não insistentes, civis ou militares. Eu tenho uma montanha de coisas para fazer e não posso ficar conversando

sobre besteiras particulares. Vai ver que este cara quer vender algum tipo de seguro prá sargento ou coisa assim. Vai ver que é algum representante do Exército da Salvação e quer me vender o reino dos céus.

Lucas fiou olhando para Janete e viu que a mesma estava apreensiva, sem saber o que argumentar. Ele fez um gesto de impaciência e falou mais áspero ainda:

-Tá bom! Tá bom! Manda logo esse sujeitinho idiota entrar e vamos terminar logo com isto. Se ficar aqui tentando lhe ensinar alguma coisa, vou acabar perdendo mais tempo ainda. Vamos logo com isto. Manda esse cara entrar de uma vez e vamos ver o que ele quer. Vai! Se mexa mulher.

Janete saiu com passinhos rápidos e estava bastante assustada. Logo depois retornou com aquele homem insistente. Lucas percebeu tratar-se de um homem austero e uniformizado que trazia várias condecorações penduradas no peito. Pelo aparato pode perceber tratar-se mesmo de um general. Ficou olhando curioso para aquele sujeito. Sério, levantou-se e esticou a mão para aquele homem:

-Boa tarde! Senhor?

O homem esticou a mão para Lucas e apertou a mesma. Olhou de lado para Janete e voltou-se para Lucas, mas não disse nada. Lucas percebeu a mensagem implícita e pediu para Janete sair e fechar a porta; também pediu para não ser interrompido. Assim que a porta se fechou, Lucas voltou a insistir com aquele homem de comportamento estranho:

-Por favor, sente-se. Com quem tenho o prazer de falar?

-General Andrade. Eu preciso conversar com o senhor, trata-se de coisa urgente.

-Coisa urgente? Comigo? Bom, seja lá o que for esteja à vontade. Como o senhor pode ver, eu também estou cheio de serviço urgente que preciso entregar aos meus clientes. Seja breve, por favor.

-Senhor Lucas Ávila, suponho. O senhor deixou os serviços de inteligência de vários países em alerta. O senhor está se tornando uma pessoa suspeita.

Lucas ficou olhando admirado para aquele homem, literalmente de boca aberta. O homem se mantinha sério e não forneceu mais informações. Lucas levou algum tempo para se pronunciar:

-Eu? Uma pessoa suspeita? Mas... Mas do que o senhor está falando? Mas que tipo de brincadeira é esta? Veja bem, eu tenho um monte de coisa para fazer; e eu não tenho tempo para esse tipo de brincadeira. Mas que palhaçada é esta?

Lucas estava visivelmente alterado, mas aquele homem parecia não se importar muito com isto. Ele replicou a fala de Lucas com bastante calma:

-Senhor Lucas, o senhor e esta sua empresa fazem produtos que geram suspeitas. Não é nenhuma palhaçada, não é nenhuma conspiração. São fatos, somente fatos. Seus produtos são coisas anormais e, desta forma, levantam suspeitas.

-Meus produtos são anormais? Mas do que o senhor está falando? Eu não tenho nenhum produto anormal. Tudo aqui está patenteado, tudo aqui tem licença para ser produzido. Nós pagamos todos os impostos direitinho. Aqui não tem nada de anormal, tudo isto já foi auditado pelos fiscais do governo e nenhum problema foi relatado. Olhe aqui! Eu não sei do que o senhor está falando. Então, vamos logo aos finalmente e vamos parar com essa conversa mole. O que tem de errado na minha empresa?

-Sua empresa não tem nada de errado. Aliás, ela poderia ser apresentada como um modelo de honestidade, o que também é bastante estranho. Qualquer empresa tem algum probleminha aqui ou ali. A sua, por incrível que pareça, é um modelo de administração. Mas não é disto que estou falando, não é da sua empresa como empresa, mas dos produtos que ela comercializa.

-Os produtos? Mas o que tem os meus produtos? Qual o problema com os meus produtos? Eles nunca dão defeito e, caso isto aconteça, eu faço a troca.

-Senhor Lucas, o senhor vende aparelhos para combater as pragas agrícolas, não é isto?

-Sei! E daí? O que tem isto demais? Ainda não entendi aonde o senhor quer chegar com essa conversa toda. Então, vamos logo com isto.

-O senhor tem incomodado as empresas que produzem agrotóxicos e coisas assim já faz algum tempo. Seus aparelhos dispensam o uso de pesticidas e, desta forma, gera prejuízo para tais empresas. Elas ficaram incomodadas com o senhor.

-Tá! E daí? A gente não pode agradar a todos, não é verdade. Elas que se danem, elas que arranjem outra forma de poluir o planeta. Eu faço a minha parte e elas que façam a delas. Eu não sou tão poderoso como elas, mas não tenho do que reclamar. Levou muito tempo para o pessoal aceitar meus produtos e só agora estou conseguindo ter algum lucro neste negócio. E não é nada tão grandioso assim. Não sei por que isto iria incomodar esses impérios pestilentos. Ainda não entendi aonde o senhor quer chegar com essa conversa.

-Seus produtos acabam com as pragas agrícolas, eles destroem essas pragas. Não afetam nada a sua volta, só as pragas. E, pelo que se sabe, não existe uma explicação para isto. Não é verdade?

-Ainda não estou entendendo nada. Os meus produtos já foram testados e mostraram que funcionam direitinho. Não tem nada de misterioso nisto, é um efeito mais do que testado. Mas afinal, qual é o problema?

-O efeito é bem conhecido, e isto é uma verdade. O que ninguém explica são as causas do mesmo. O usuário liga esse seu aparelho e as pragas morrem. Mas ninguém explicou por que isto acontece. Sabe-se que acontece, sabe-se o efeito, mas ninguém sabe por que isto acontece, a causa deste seu efeito. As tais empresas pestilentas, como o senhor as denomina, trabalharam por cinco anos tentando descobrir essa causa, mas elas não chegaram à causa alguma. Ninguém sabe por que isto acontece.

-Sei! Mas e daí? Isto não é nenhum segredo militar, pois ninguém sabe o motivo; nem eu mesmo. Mas a patente deste efeito é minha; e eu exploro isto dentro da lei. É isto que incomoda essas empresinhas? Elas estão achando que vou tirar o mercado delas? Então ela que não achem nada, elas que tenham certeza. Isto é a guerra do

capitalismo, da eficiência, da modernização. E, pelo que sei, não é uma guerra que envolva o generalato. Elas já ganharam muito dinheiro com aqueles venenos que produzem, agora chegou a minha vez. Mas qual é o problema? Elas estão com medo da concorrência?

-Este problema não nos importa, talvez importe a elas. Nós não temos nada com essa guerrinha de lucros, como essa sua concorrência comercial. O nosso interesse é outro. Eu citei essas empresas por que foram elas que nos alertaram para o problema.

-Problema? Mas que problema é este? Eu ainda não entendi aonde o senhor quer chegar com toda essa sua história. Estou perdendo um tempo precioso para ouvir essa sua conversa mole. Então vamos lá! O senhor diz logo o que pretende e depois me deixa continuar com meu trabalho. Eu trabalho, não sei se percebeu? Tudo que consegui até hoje foi com muito trabalho. Eu não sou herdeiro de nenhum envenenador, como uns e outros que andam por ai. E eu preciso continuar trabalhando. Então vamos logo com isto.

-O senhor conhece a causa disto? O senhor estudou o processo todo, o senhor bolou essa aparelhagem toda. Então eu pergunto: o senhor conhece a causa disto?

-E isto importa? Eu conheço o efeito, eu tenho a patente do efeito. Nisto tudo ninguém exige uma explicação causal. Isto não é necessário.

-Eu sei de tudo isto, não precisa se preocupar em me informar. Eu fiz uma pergunta pessoal, uma pergunta que não envolve qualquer critério legal. O senhor conhece a causa disto?

-Mas que importância tem o fato de eu conhecer ou não conhecer?

-Me desculpe, mas o senhor não é ingênuo como quer demonstrar. O senhor sabe que isto pode ser aplicado para além de pragas agrícolas, não é verdade? O senhor está só se fazendo de desentendido. Por quê?

-Sinceramente eu ainda não entendi aonde o senhor quer chegar com tudo isto. No que isto pode incomodar esse tais serviços de inteligência. Dá para o senhor, de uma vez por todas, ir direto ao assunto. Até agora, pelo que me parece, está só defendendo essas empresinhas

envenenadoras agrícolas. Ou o senhor diz logo o que quer ou dá o fora. Minha paciência já está esgotando.

-O senhor já pensou nos efeitos desses seus aparelhos nas pessoas?

-Como assim nas pessoas? Do que o senhor está falando? Já foi mais do que provado que isto não causa qualquer problema com as pessoas. Isto deve ser alguma conspiração dessas empresas. Eu tenho todos os laudos médicos necessários. Tá tudo registrado.

-Sim; eu já vi todos eles e elas também. Mas a causa ainda não ficou esclarecida. Se isto pode acabar com pragas, por que não poderia acabar com seres humanos?

Lucas ficou olhando sério para aquele homem; fitava seus olhos com surpresa. Depois, esboçou um sorriso meio sarcástico, se recostou em sua cadeia e declarou calmamente:

-Ah! Agora estou entendendo. Mas é claro! Foi por isto que me mandaram um general, não é verdade? Então é isto? Mas que absurdo!

Lucas parecia se divertir com seus pensamentos. Voltou a colocar os braços sobre a mesa; passou uma das mãos sobre a cabeça e disse sorrindo:

-Escute aqui seu general Andrade! Eu não faço armas de para suas guerrinhas estúpidas, está sabendo? Agora entendi onde o senhor está querendo chegar. Então acha que vou fazer uma máquina de destruição em massa, é isto? Que eu vou fazer uma máquina para você destruir as suas pragas, as pessoas que considera seus inimigos, é isto? Pode tirar seu cavalinho da chuva. Isto não afeta as pessoas, isto não pode ser utilizado como arma. Isto só afeta as pragas, os insetos e as larvas. Está me entendendo? Não tem como afetar nenhum ser humano. Vocês vão ter que continuar a usar suas bombinhas. Está bom assim?

-Não é isto que os serviços de inteligência dizem. Eles acham que o senhor está escondendo alguma coisa. Eles acham que o senhor conhece as causas desse seu efeito. É por isto que estou aqui. Queremos contar com a sua colaboração voluntária.

-Com a minha colaboração? Mas vocês devem ser loucos. Eu não vou colaborar com ninguém nesse negócio. Eu sou um pacifista

nato, não me presto a este tipo de trabalho. Vocês vão ter que se virar sem mim. Aliás, eu nem sei no que posso colaborar quanto a esse processo. Eu não me incomodo com isto, eu só tenho que me incomodar com a minha empresa, mais nada. Então, acho que o senhor perdeu seu tempo e também o meu. Se for só isto o que estava querendo, então já tem a sua resposta. Agora me dê licença que eu tenho uma montanha de coisas para fazer.

-Acho que o senhor ainda não me entendeu. Esperamos contar com a sua colaboração voluntária, mas se for necessário, iremos contar com a mesma de qualquer jeito.

-Mas o que é isto agora? Está me ameaçando? O senhor está ameaçando um cidadão a colaborar com essa sua guerrinha estúpida e fantasiosa? Eu acho que o senhor anda meio deslocado no tempo, pois isto ai não funciona mais. Temos leis neste país e não vivemos num totalitarismo militar. Acho que essas suas ameaças são totalmente infundadas. Agora, se me faz o favor, retire-se. Não temos mais nada para conversar. Por favor.

Lucas levantou-se e apontou a porta para o general. O general levantou-se devagar e encarou Lucas por alguns segundos. Colocou seu quepe, também devagar, e despediu-se dizendo:

-Senhor Lucas, ainda nos veremos. O senhor mexeu em alguma coisa perigosa e não tem nenhuma lei que o proteja disto. Pense na minha oferta e colabore voluntariamente. Não me obrigue a utilizar outros recursos, pois o senhor pode não gostar dos mesmos. Eu volto a entrar em contato com o senhor. Por ora, uma boa tarde e um bom serviço para o senhor.

O general se encaminhou para a porta e saiu da sala. Janete entrou logo em seguida, ainda assustada.

-Tudo bem? O senhor viu como esse homem é estranho. Ele não saiu daqui com uma cara de bons amigos. Será que ele ficou nervoso?

Lucas interrompeu o discurso de Janete com um gesto. Ele estava pensativo, esta meio longe da realidade.

-Janete, me faça um favor. Entre em contato com o doutor Peçanha. Peça para ele dar uma chegada aqui no escritório o mais breve possível. Veja se pode ser hoje mesmo.

Lucas falava automaticamente, parecia procurar a lembrança de alguma coisa. Olhou para Janete e insistiu:

-Vamos, vamos! Que está esperando? Liga logo pro advogado. Eu preciso falar com ele ainda hoje.

Janete saiu correndo da sala, parecia assustada. Lucas sentou-se e ficou ali pensando consigo mesmo. Alguma coisa em seu semblante mostrava que estava muito preocupado com alguma coisa. Aquele homem, aquele general o tinha deixado perturbado. Ele coçava a cabeça com a mão e olhava para um ponto no infinito. Ele estava assustado.

No final da tarde o doutor Peçanha, seu advogado, compareceu ao escritório e tiveram uma conversa longa e particular. Lucas queria saber quais eram suas alternativas legais para combater a pressão daquele general. Mas, aparentemente, aquele homem nada podia fazer contra ele, não podia forçá-lo a coisa nenhuma.

E assim, passaram mais dois meses...

A empresa de Lucas continuava a vender seus aparelhos, mas nada de tão surpreendente. As vendas não cresciam tanto quanto se esperava, mas também não tinha nenhum embaraço aparente. Lucas estava querendo montar uma campanha de *marketing* para aumentar as vendas e se lançar definitivamente na concorrência do mercado; mas ainda tinha que tomar certos cuidados. Ele não tinha comentado com mais ninguém sobre aquela conversa com o general, mas aquilo ficava remoendo seus pensamentos.

## Capítulo III – O sócio

O homem entrou seguido por mais duas pessoas; era uma mulher toda empertigada e um brutamonte todo de preto. Ele apertou a mão de Lucas e sentou-se na cadeira que este lhe ofereceu. Perguntou se queriam alguma coisa e em seguida dispensou Janete. Sentou-se em sua cadeira, de frente para aquele home. A mulher e o brutamonte ficaram de pé, ao lado daquele homem.

-Senhor Clever, é isto?

-Sim. Eu marquei esta reunião com sua secretária, precisamos conversar sobre negócios de interesse mútuo.

-Vocês não querem se acomodar? Sentem-se.

Lucas apontou as cadeiras ao lado para os acompanhantes do senhor Clever.

-Eles ficam onde estão; não precisa se incomodar com isto.

Clever falou com frieza e Lucas não insistiu mais. Acomodou-se melhor em sua cadeira, olhou para o senhor Clever e perguntou:

-E então? O senhor queria falar comigo, não é. Esteja à vontade. Em que posso servi-lo.

-Eu sou representante de um grupo de empresas químicas. Trabalhamos na produção de pesticidas agrícolas. Eu estou aqui para lhe propor uma sociedade. Estamos dispostos a investir neste seu negócio.

-Uma sociedade? Investir no meu negócio? Não entendi direito aonde quer chegar com isto, mas vamos lá? Que tipo de investimento seria este?

-Estamos dispostos a investir inicialmente coisa como vinte milhões de dólares em sua empresa. Consideramos que esses seus produtos podem ser explorados comercialmente de forma mais eficiente. Desta forma, nós pretendemos fazer uma grande campanha publicitária e espalhar seus produtos em nossa rede comercial. Temos vários estudos realizados que o senhor poderá analisar a hora que achar mais conveniente. Poderá constatar facilmente que só tem a ganhar, e isto em curtíssimo prazo. Nós estamos...

Lucas interrompeu o discurso do senhor Clever, que se mostrou bastante contrariado com o gesto. Lucas olhou direto nos olhos daquele homem e falou pausadamente:

-Senhor Clever, é isto? Vamos ver se nos entendemos desde o princípio; está bem? Eu não me lembro de ter pedido nenhum empréstimo, ou de ter solicitado nenhuma sociedade com quem quer que seja. Eu tenho uma pequena empresa que vou levando como posso. Não tenho nenhum sonho de grandeza e, desta forma, não estou entendendo nada do que o senhor está falando. Então, vamos devagar com este andor, está bom? Prá começar, quem seria este grupo de empresas de que o senhor fala?

O senhor Clever pegou um papel da mão daquela mulher que estava ao seu lado e depositou nas mãos de Lucas. Este olhou uma relação de seis nomes e assobiou, fazendo uma cara de espanto. Disse para ele mesmo:

-Caramba! Então são essas as empresinhas? Incrível! Isto está parecendo a relação das dez maiores empresas do mundo. E elas querem fazer uma sociedade comigo, é isto? Elas querem colocar vinte milhões na minha empresinha, é isto?

O senhor Clever logo emendou a fala de Lucas.

-Inicialmente. Isto seria o primeiro passo para a campanha publicitária. Estou autorizado a negociar seus termos. Diga o valor que espera e podemos conversar; não precisa se preocupar com isto.

-Uma campanha publicitária de vinte milhões de dólares só prá começar, é isto? Caramba? Com isto eu vendo até geladeira prá esquimó. E eu posso fazer minha oferta, meu preço. Então é isto?

-Sim senhor Lucas. Queremos seus produtos e estamos dispostos a pagar pelos mesmos; e não precisa se preocupar com isto. Não estou aqui para desmerecer o valor dos mesmos, estou aqui para negociar. Se o senhor tentar fazer isto sozinho, vai ver que as dificuldades são muitas. O senhor não tem tanto crédito assim e vai ter que convencer bancos e financiadoras. Isto vai levar muito tempo e os resultados podem ser imprevistos. Nós estamos garantindo seu futuro agora, sem qualquer exigência. O senhor terá tudo que sonhou e até o que não sonhou. Estamos dispostos a pagar por isto. Diga o preço e iniciamos

a negociação. Não queremos que perca mais tempo, seu futuro é agora, pode acreditar em mim.

Luca ficou olhando para aquele homem. De vez em quando desviava seu olhar para a mulher e para o brutamonte que estavam ao lado do mesmo, imóveis, estáticos. Ele sorriu meio sem graça e falou já meio trêmulo:

-Meu futuro agora? O senhor está me comprando, é isto?

-Claro que não! Estamos querendo comprar a sua idéia. Sabemos das suas dificuldades para dar continuidade à mesma. Estamos oferecendo um valor justo para a mesma, estamos reconhecendo o seu esforço intelectual. Ninguém quer comprar ninguém. Nós estamos negociando um produto e estamos dispostos a pagar pelo mesmo. Tudo será feito legalmente, pode contratar os advogados que quiser. Não se preocupe, o pagamento fica por nossa conta. Nós estamos interessados em seu produto. Não tem nada de ilegal, de suborno, ou de imoral. É só um negócio, um negócio normal. O senhor vai ganhar agora o que, provavelmente, nunca conseguirá sozinho, agora ou no futuro. Nosso grupo é o único que dispõe dos recursos necessários para concretizar este mercado, mais ninguém.

-O senhor deve estar brincando comigo, não é mesmo? Então quer acabar com qualquer concorrência que possa afetar seu mercado? É isto?

-Senhor Lucas, use sua inteligência. O senhor não representa qualquer concorrência para essas empresas. Faça-nos um favor: não nos menospreze. A sua empresa não tem qualquer futuro e poderíamos acabar com ela a hora que desejássemos. O senhor não tem esse poder todo. Veja se me entende, por favor. Nós reconhecemos que a sua idéia é brilhante e queremos fazê-la crescer, só isto. Nós somos negociantes e não piratas; nós não assaltamos as pessoas. Nós reconhecemos que esta sua idéia pode gerar um bom lucro para o nosso grupo. Se continuar em suas mãos, isto vai ficar estagnado por muito tempo. Reconheça que não tem os recursos necessários para isto. Não basta ter uma idéia brilhante para se ficar rico. Prá isto é preciso dinheiro. E nós estamos colocando isto ao seu dispor. O senhor não vai ter que se preocupar com mais nada até o fim da sua vida. Aliás, es-

tamos dispostos a pagar um valor que até seus netos estarão garantidos. O senhor não concorre conosco, o senhor não é uma ameaça para nós, vê se o senhor me entende.

-E por que querem fazer negócio comigo? Vocês podem desenvolver alguma coisa semelhante, vocês têm recursos para isto, não é verdade?

-Não! Não é verdade. O senhor teve uma idéia, e o senhor implementou essa idéia. Chame isto de intuição, iluminação ou qualquer denominação que queria. Não depende de conhecimento, mas de inspiração. Já tentamos isto por vários anos e não chegamos a lugar algum. O senhor é um privilegiado. Queremos pagar por este seu dom. Ninguém quer roubar nada de ninguém, está me entendendo? O senhor teve uma brilhante inspiração, só isto. Mas o senhor não tem os recursos necessários para levar isto em frente. Então, deixe quem tem tais recursos fazer isto pelo senhor. O senhor não perde nada, o senhor só tem a ganhar. Quem sabe, tendo todo o tempo livre, possa se inspirar em outras coisas e terá mais recursos ainda ao seu dispor. Estamos lhe oferecendo uma recompensa pela sua intuição, não estamos querendo roubar nada, absolutamente nada. Estamos gratificando-o e não o subornando. Sua idéia continuará sendo sua, poderá fazer palestras, poderá escrever livros, poderá fazer o que quiser. Só queremos que nos ceda o direito de explorar comercialmente a sua idéia.

-Sei! E se eu não quiser?

-Como assim? O senhor só tem a ganhar. Por que haveria de não querer? Ninguém vai lhe oferecer nem a metade do que lhe ofereço. Por que não vai querer?

-Isto é um problema meu. Estou perguntando o que o senhor vai fazer se eu não topar esse seu negócio? Se eu não quiser vender a minha brilhante idéia, o que vai fazer?

-Olhe senhor Lucas, eu não sei o que pretende. Nós estamos dispostos a pagar um preço justo por sua idéia. Nós não faremos nada contra o senhor, seja lá o que esteja imaginando. É claro que iremos nos opor às suas máquinas, isto é comércio, é negócio. Mas não entendi por quê? Por que não quer negociar esta sua idéia. O senhor não quer ficar rico?

-Não senhor Clever! Eu não quero ficar rico e também não quero negociar minha idéia com quem quer que seja. Eu estou muito contente com a minha vidinha e não pretendo mudar nada. Não quero ser rico, não quero o seu dinheiro ou o dinheiro de quem quer que o seja. E não precisa se preocupar que eu não estou negociando com quaisquer outros grupos. Aliás, acho que, se eu estivesse fazendo isto, o senhor saberia, não é mesmo? Agora, o senhor me desculpe, mas tenho muito que fazer. Se for "só" isto que queria conversar comigo, acho que já terminamos.

Lucas apontou a porta para o senhor Clever e seus ajudantes; e este levou algum tempo para se recuperar da surpresa. Ele havia colocado milhões, talvez bilhões, nas mãos de Lucas e o mesmo os rejeitou, literalmente jogou na lata do lixo. Nunca tinha visto nada parecido em toda a sua vida.

Mas por que aquele homem recusava o que lhe era oferecido? Será que era algum anormal, algum maluco? Clever levantou-se bem devagar e esticou automaticamente sua mão em direção a Lucas. Este a apertou de leve e voltou a lhe apontar a porta com um sorriso forçado. Clever e seus ajudantes saíram devagar e, ao atravessar a porta, ainda voltou a olhar para Lucas, estava admirado, parecia até assustado. Depois se voltou de vez para a saída e sumiu de vista.

Lucas ficou olhando algum tempo para a porta. Depois voltou para seu computador e continuou escrevendo alguma coisa no mesmo. Afinal, ele tinha que administrar a sua empresa, sua pequena empresa.

A.J.Pissuto

## Capítulo IV – A prisão

Janete entrou apressada na sala de Lucas; estava bastante nervosa e já saiu falando sem muita cerimônia:

-O cara voltou. Ele está ai novamente.

Lucas levantou a cabeça do documento que estava lendo com atenção; olhou meio irritado para Janete e falou áspero:

-Mas será possível? Não dá para bater na porta?

-Mas é que ele está ai.

-Ele? Mas ele quem?

Janete foi para perto de Lucas e falou baixinho:

-O general! Ele voltou. Ele está lá fora e quer falar com o senhor urgente. Esse homem me deixa assustada, ele tem uma cara estranha.

-Tá bom! E o que é que ele quer dessa vez?

-Ué! E eu que vou saber? Ele falou que quer falar com o senhor. Eu tive medo de perguntar, ele parece estar nervoso, acho que está bravo. O que é que eu faço?

-Mas de novo? Vai lá e diga prá ele ir pro raio que o parta. Está bom? Eu não quero falar com esse general sobre qualquer coisa. Eu não tenho nada prá falar com este idiota. Vai lá e diga que não quero falar com ninguém. Diga a ele que eu não quero falar com ele, está bom! Não precisa inventar desculpa alguma. Vai lá e diga o seguinte: o Lucas não quer falar com o senhor. Ele disse que não tem nada a falar com o senhor. Está bom? Agora vê se não me enche mais o saco. Vai lá e fala o que mandei.

Lucas voltou à leitura de seu documento. Janete toda atrapalhada, toda medrosa saiu da sala, andando de costas. Após alguns minutos a porta foi aberta e o general passou pela mesma. Janete vinha logo atrás toda trêmula:

-Senhor Lucas eu falei prá ele, mas ele não quis me ouvir...

O general se adiantou:

-Senhor Lucas, tenho a maior urgência em falar com o senhor. Trata-se de segurança nacional e não posso evitar. Diga a sua secretária para nos deixar a sós, por favor.

O general estava nervoso, estava literalmente áspero. Lucas respirou fundo, levantou-se e encarou aquele homem uniformizado. Lucas tinha um metro e noventa de altura e um copo atlético e musculoso; e, desta forma, não era de se deixar intimidar por qualquer pessoa. Depois de um torcer de nariz e boca, pediu a Janete que deixasse a sala. Após a saída da moça, ele deu uma volta por trás de sua cadeira e olhou pela janela, para o mundo lá fora. Bufava com raiva. Pôs as mãos na cintura e voltou-se para o general falando com raiva:

-Mas que merda é esta? Será que vocês estão sempre querendo que eu faça o que não quero. Já não é de hoje que sempre aparece algum maluco por aqui querendo que eu colabore voluntariamente, que eu faça aquilo que não quero fazer. Que foi agora? Mudaram a constituição? Mudaram as leis? Resolveram me obrigar a colaborar na fabricação das suas armas idiotas? Eu já lhe disse: eu sou um pacifista! Estou pouco me lixando para suas armas de destruição em massa. Eu não quero saber dessa merda toda? Mas não dá para me deixar em paz? Eu preciso trabalhar para sobreviver e vocês não estão me deixando fazer isto. Eu não tenho nada para falar com o senhor e seus intelectuais de merda, está me entendendo? Eu não tenho nenhum segredo prá esconder. Se quiser saber o que eu faço é só comprar uma das minhas máquinas. Está tudo registrado, está tudo exposto, ali não tem segredo algum. Agora, vê se não me enche mais o saco com essa sua conspiração idiota e me deixa trabalhar sossegado. Por favor, caia fora. Saia daqui!

Lucas apontava a porta para o general que não mexeu um centímetro sequer; depois perguntou ainda nervoso:

-Acabou?

-Sim acabei! Eu já acabei faz tempo, só o senhor que ainda não percebeu isto. A minha paciência também acabou. Então, faça o favor de cair fora. O senhor está em propriedade particular e não tem lei que lhe dê este direito. Então faça sua continência, dê meia volta volver e rua. Saia daqui com suas conspirações.

Lucas estava aborrecido, estava alterado.

-Eu não posso fazer isto antes de conversar com o senhor. Muita coisa mudou desde a nossa última conversa e, agora, está chegando